

# DIMENSÕES

Revista de História da Ufes

## *Para interromper o curso do mundo: estado de exceção e história em Walter Benjamin*

To interrupt the course of the world: state of exception and history according Walter Benjamin

**Renato Bueno Franco<sup>1</sup>**

Resumo: O ensaio examina como Walter Benjamin se preocupou desde a década de 1920 com questões referentes à noção de História. Para tanto, identifica e analisa alguns de seus textos, escritos em diferentes anos ou contextos, que refletem sobre matéria relacionada com a mencionada preocupação. O objetivo é o de tanto relacionar os ensaios analisados quanto acompanhar as nuances de seu pensamento sobre a questão referida a fim de identificar como acabou por implicar a noção – fundamental em sua obra – de “interrupção do curso do mundo”. Nessa direção, são examinadas – ainda que parcialmente – algumas das teses contidas em Sobre o conceito de História, seu último texto, com o propósito de caracterizar a peculiar concepção de História elaborada pelo filósofo e, no mesmo movimento, verificar como a mencionada noção incidiu em diferentes aspectos de seu pensamento com implicações radicais.

Palavras-chaves. Walter Benjamin; Concepção de História; Walter Benjamin: Sobre o conceito de História.

Abstract: The essay seeks to show how Walter Benjamin has been concerned with issues relating to the notion of History since 1920s. To this end, it seeks to identify and analyze some of his texts written in different years or contexts, which reflect on the matter related to the aforementioned concern. The objective is to both relate the analyzed essays and follow the nuances of his thinking on the aforementioned issue in order to identify how it ended up implying the notion – fundamental in his work – of “interruption in the course of the world”. In this way, some of the “Theses on the Philosophy of History”, his last writing, are examined, albeit partially, with the purpose of characterizing the peculiar conception of History elaborated by the philosopher and in the same movement verifying how the aforementioned notion of “interruption in the course of world” affected different aspects.

Key worlds. Walter Benjamin; Conception of History; Walter Benjamin: On the Concept of History.

1 Graduado em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP). Mestrado em teoria literária, pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Doutorado em estudos literários pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) e Pós-doutor em filosofia pela mesma universidade. Professor voluntário, mas em trabalho voluntário, da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, campus Araraquara. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-5799-9180>. E mail :rbfrancoforte@hotmail.com.



*O desafio para aqueles de nós que já estão seguros dentro da academia é a exigência dialética de passar para a próxima geração uma tradição de pensamento radical. (Buck-Morss,1998)*

## Introdução

Sem dúvida, a diretriz acima deve orientar a atividade acadêmica e intelectual de professores universitários, em particular daqueles comprometidos com a Teoria Crítica. Nessa direção, cumpre realçar ser a obra de Walter Benjamin<sup>2</sup> representante de ponto verdadeiramente avançado da melhor tradição do pensamento radicalmente crítico e contestador do século XX – além de ser sempre temperada com grande rigor intelectual. Considere-se ainda ter o filósofo boa parte

258

---

2 Como este não é trabalho monográfico, mas ensaístico, não cabe uma discussão bibliográfica detalhada sobre Benjamin, cujas obras – em boa parte – foram editadas aqui, com destaque para a coleção Obras Escolhidas (3 vols.) editadas pela Ed. Brasiliense e as editadas pela Ed. Autêntica na coleção FiloBenjamin, com tradução e comentários críticos de João Barrento. Há ainda entre nós vasta bibliografia sobre sua obra, tanto em português como em espanhol. Cf, por exemplo, Benjamin, Andrew e Osborne, Peter. *A filosofia de Walter Benjamin*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar ed. 1997; Franco, Renato, *10 lições sobre Walter Benjamin*, Petrópolis, Ed Vozes, 2015; Buck-Morss, Susan. *Dialética do olhar*. Belo Horizonte/Chapecó, Editora UFMG/ED Argos. 2002. (Sobre a história cf. capítulos III a VI); em espanhol são importantes Fenves, Peter. *Walter Benjamin entre filósofos*. Santiago de Chile, Ed Palinodia, 2017. (Sobre a questão da História, cf. capítulo III); Opitz, M. y Wisla, E. *Conceptos de Walter Benjamin*. Buenos Aires, Editorial Las Cuarenta, 2014. Edición castellana Maria Belforte y Miguel Vedda; Vedda, Miguel (org) . *Constelaciones dialécticas. Tentativas sobre Walter Benjamin*. Buenos Aires, Ediciones Herramienta, 2008; Jozami, E.; Kaufman, A.; Vedda, M. *Walter Benjamin em la ex Esma. Justicia, História y Verdad*. Buenos Aires, Ediciones Centro Cultural de la Memoria Haroldo Conti/ Prometeo Libros, 2013; Missac, Pierre, *Passagens de Walter Benjamin*, **São paulo**, Iluminuras, 1997. Para a recepção de Walter Benjamin no Brasil cf Gagnebin, Jeanne Marie. “Sur la réception de Walter Benjamin au Brésil”, in *Dissonância: Revista de Teoria Crítica*. Publicação on line. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp. 2021; e também a obra de Bolle, Willi. *Fisiognomia da metrópole moderna*. **São Paulo, Ed da USP/FAPEESP, 2000 (2ª ed), e a de Presler, G.Karl, . Benjamin, Brasil: a recepção de Walter Benjamin, de 1960 a 2005 : um estudo sobre a formação da intelectualidade brasileira, São Paulo, Ed Annablume, 2006, entre outras.**



de sua existência gravemente afetada pelo terror do nazismo, do qual finalmente não logrou escapar. Obra como a sua, escrita em condições materiais e políticas profundamente adversas, só pode atestar ter tido o autor “grande integridade político-existencial”; assim, não é descabida a inclusão de um ensaio sobre sua obra e vida por parte de Hanna Arendt no livro “Homens em tempos sombrios”.

O desafio assinalado por Buck-Morss possui enorme atualidade: afinal, segundo a perspectiva benjaminiana, “os tempos sombrios” nomeados por Hanna Arendt não desapareceram, não foram superados, não foram eliminados da história: nessa matéria, como em muitas outras, não houve progresso algum – e isso exige explicação. Mas com isso estamos já no âmago do universo da obra de Benjamin. De fato, no ensaio citado Susan Buck-Morss destaca a importância da História e a necessidade de entendermos em profundidade o presente, inclusive chamando a atenção para aspecto capital de nossa existência: “*o que fazemos ou não fazemos cria o presente; o que sabemos ou não sabemos constrói o passado.*” Ou seja, ela registra ser o presente não apenas resultado de nossa ação, do que fazemos diretamente, mas também do que deixamos de fazer. Do mesmo modo, salienta ser nossa imagem do passado profundamente afetada não apenas pelo que sabemos ou pensamos saber, mas também por nossa ignorância, que assim colabora para a construção de uma imagem problemática ou inadequada dele. Tal imagem não é inconsequente, pois “*o modo como construímos o passado determina a nossa compreensão do presente*”. Exemplar nessa perspectiva é o modo como lidamos com as consequências da censura imposta ao país na época da constituição de efetivo “Estado exterminista”, conforme a sugestão de Paulo Arantes (2014): a censura não objetivava apenas calar a voz da sociedade, mas sobretudo provocar o esquecimento do que poderia ter sido. Ao impedir semelhante lembrança, ela conforma uma imagem



do presente a partir do esquecimento de que um tempo outro poderia ter ocorrido e, conseqüentemente, de que seria possível se viver um presente – também um futuro - diferente e melhor.

Questões como essas foram objeto de constante reflexão por parte de Benjamin. Em carta endereçada a Gretel Adorno datada de 7 de maio de 1940 por ocasião da redação das teses de *Sobre o conceito de História* informa que a matéria delas “o ocupa desde o início dos anos 20” (Benjamin, 2008, p. 147) inclusive “em textos como Fragmentos teológico-político”. A afirmação é também significativa por indicar certa continuidade em seu pensamento e obra, apesar da diversidade dela e de seu caráter amplamente fragmentário e ensaístico. Enfim, segundo Buck-Morss, um dos objetivos fundamentais de Benjamin seria a construção de uma concepção crítica tanto de nosso modo predominante de concebermos a história quanto de nossa relação com o passado. Nessa direção, o objetivo deste trabalho – verdadeiramente modesto – é o de identificar e analisar textos de Benjamin, escritos em diferentes anos ou contextos, em que despontam matérias relacionadas com a mencionada preocupação a fim tanto de acompanhar o desenvolvimento de sua reflexão sobre o assunto quanto verificar como ela acabou por implicar a ideia de “interromper o curso do mundo”, de fundamental importância no último texto de Benjamin.

260

### **“Cortar o pavio antes que ele atinja a dinamite”**

Exemplar nessa direção – como já salientaram estudiosos de sua obra, dentre os quais se inclui Michael Löwy (2015) – é o aforismo intitulado “Aviso de incêndio” incluído em *Rua de mão única* (Benjamin, 2013, p.42), livro redigido entre 1923 e 26. No referido aforismo Benjamin alerta para os riscos de não se lograr interromper o domínio da



burguesia, cuja trajetória apontaria para suposto progresso capitaneado pelo desenvolvimento da ciência e da técnica, mas que efetivamente caminharía para o fortalecimento da dominação social e para a catástrofe, “anunciadas tanto pela inflação quanto pela produção de bombas e de armas químicas”. Diante de tal perspectiva, o filósofo aponta a necessidade urgente de se “cortar o pavio antes que a centelha chegue à dinamite”, pois caso contrário “tudo estaria perdido”, para usar suas próprias palavras (2013, p.42). Consequentemente, interromper essa trajetória – a continuidade da história burguesa - seria a tarefa fundamental da crítica radical. Destaque-se ainda no aforismo o tom de urgência da necessidade da ação; também é notável a crítica à noção de progresso, que desponta como associado ao avanço da dominação e não ao da qualidade da vida social. O aforismo é contundente por desembocar em visão que nada espera do desenvolvimento capitalista, a não ser a geração da catástrofe<sup>3</sup>. Para antecipar o raciocínio e forçar a relação: no final da década de 1930, entre as anotações de Benjamin destinadas a redação das teses sobre o conceito de História, também encontramos essa ideia fundamental: “*o progresso é a catástrofe, a catástrofe é o progresso*”. “*A catástrofe como o contínuo da história.*” (2008a :164)

261

Em 1929, Benjamin escreve um ensaio sobre o Surrealismo intitulado “O surrealismo – o último instantâneo da inteligência europeia” (1985b), que Michael Löwy (2007) considera como um dos mais radicais momentos do pensamento crítico e revolucionário da primeira metade do século XX. No ensaio, o filósofo analisa os programas dos partidos políticos burgueses a fim de demonstrar como eles consti-

---

3 Com tal visão Benjamin se afasta de outras vertentes do marxismo, como as adeptas da crença no progresso ou das que sustentam ter o capital papel civilizador. Sua concepção parece aqui ser tributária das teses defendidas por Georg Lukács em *História e Consciência de classe*, editado em 1923 e que Benjamin leu em 1924 por influência de Asja Lacis.



tuem “péssima poesia de primavera, saturada de metáforas” (Benjamin, 1985b, p.33): estas prometeriam o melhor dos mundos possíveis, um futuro esplendoroso para a humanidade, mas de fato se destinariam a mascarar o constante agravamento da miséria e a propagar o otimismo social e, nessa medida, estimular nas massas trabalhadoras a adesão confortável a uma situação objetivamente desconfortável. Em contrapartida, apropriando-se criativamente de *A Revolução e os intelectuais* de Pierre Naville destaca terem os surrealistas optado por combater a produção de imagens burguesas por meio da “organização do pessimismo”, ou seja, pela afirmação enfática de um “pessimismo integral” em relação ao futuro de todos os níveis da vida social:

Desconfiança acerca do futuro da literatura, desconfiança acerca do destino da liberdade, desconfiança acerca do destino da humanidade europeia, e principalmente desconfiança, desconfiança e desconfiança em relação a qualquer forma de entendimento mútuo: entre as classes, entre os povos, entre os indivíduos (BENJAMIN, 1985b, p.34)

262

Ainda no referido ensaio Benjamin destaca o caráter visionário das produções poéticas de Aragon e de Apollinaire, que elaboraram imagens impregnadas de poderosa carga política sobre o futuro próximo aptas a funcionar como sinal de alerta contra o perigo iminente, que então se desenhava no horizonte histórico europeu:

Os capítulos “Perseguição” e “Assassinato” do Poeta Assassiné, de Apollinaire, contém a descrição célebre de um program de poetas. As editoras são atacadas, os livros de poemas lançados ao fogo, os poetas massacrados. As mesmas cenas(ocorrem) no mundo inteiro. Em Aragon, a “Imaginação”, que presente essas atrocidades, convoca seus adeptos para uma última cruzada (Benjamin, 1985b, p. 29).



Como ele mesmo destacou, o surrealismo o despertou para a relação entre a vanguarda artística e a política – sendo determinante para a politização de seu próprio pensamento, conforme já anotou Osborne (1997) – além de também ter sido decisivo para a gênese do projeto sobre as Passagens de Paris (1928). Para ele, a importância do surrealismo derivaria do radical conceito de liberdade por este adotado, o qual teria despertado a intolerância da burguesia e o estimulado a desenvolver radical crítica cultural materialista, cujo objetivo seria o de conduzir os escritores e intelectuais a superar a posição contemplativa e confortável até então por eles ocupada a fim de adotarem postura ativa, socialmente combativa e inscrita no campo da esquerda. Nessa direção, pretendia “mobilizar para a revolução as energias da embriaguez” (Benjamin, 1985b, p.33). Nesse contexto, “organizar o pessimismo” implicaria a necessidade de se adotar postura radicalmente cética em relação à sociedade burguesa – postura análoga à veiculada no aforismo “Aviso de incêndio”, acima examinado –, da qual nada de bom se poderia esperar: dela só seria lícito esperar a continuidade agravada do presente ou o “aperfeiçoamento da indústria bélica e da força aérea para fins civis”, como realça em tom de galhofa o autor. A “organização do pessimismo” despontaria assim como modo de resistir a um “tempo pior”, a um futuro catastrófico.

263

Durante a década de 1930, porém, Benjamin se afasta gradativamente de semelhante proposta, embora continue a desenvolver a crítica radical – então informada pelo combate contra o fascismo – e a aprofundar a reflexão sobre os temas acima delineados. Em 1930 publica resenha intitulada “Teorias do fascismo alemão. Sobre a coletânea Guerra e guerreiros, editada por Ernst Jünger” (1985c) na qual elabora crítica feroz ao fascismo e, conseqüentemente, ao modo de o capital se apropriar da técnica. Em sua concepção, os instrumentos técnicos



também anunciam a catástrofe, visto “se justificarem pela guerra, que prova com suas devastações que a realidade social não está madura para transformar a técnica em seu órgão e que a técnica não é suficientemente forte para dominar as forças elementares da sociedade” (Benjamin, 1985c, p.61). Com semelhante visão radicaliza a crítica à associação entre desenvolvimento técnico e dominação social, concebida pelo pensamento burguês como manifestação do progresso histórico.

264

Em 1937 Benjamin descobre importante ensaio de autor completamente esquecido do final do século XVIII intitulado “As regressões da poesia” de Carl Gustav Jochmann, conforme aponta Tackels (2012, p. 191)<sup>4</sup>, que sugere ter a imaginação experimentado, com o desenvolvimento da ciência e da técnica, uma espécie de atrofia, enquanto a razão conheceria enorme desenvolvimento – concepção assimilada pela análise benjaminiana da lírica de Baudelaire no ensaio de 1938. (1989). Ainda em 1937, Benjamin redige importante ensaio intitulado “Eduard Fuchs, historiador e colecionador” (2008b), no qual apresenta agudas considerações sobre o método do materialismo histórico, provavelmente expondo pioneiramente seu próprio procedimento metodológico. Muitas passagens do ensaio são, inclusive, citadas ou transcritas inteiramente no texto dedicado às teses sobre a História, já que nele o filósofo reorganiza suas reflexões sobre o presente, sobre o desenvolvimento histórico, a técnica, a dominação social e o progresso; nele também é esboçada a ideia de ser necessário “interromper o curso do mundo”.

---

4 Ao comentar a obra, indaga como texto de tal magnitude e importância pode passar despercebido na vida cultural. Considera então não se resumir uma obra à época que produziu, já que tal visão seria imposta pela burguesia. Contra os seguidores de Goethe e do círculo de Georg, concebe ser o sentido da obra configurado por sua história: moldado por seus críticos e leitores de diferentes épocas. Deste modo, seu conteúdo de verdade pode ser revelado por épocas posteriores a sua origem. No Brasil, Roberto Schwarz, salvo engano, segue o modelo benjaminiano de análise ao considerar a obra de Machado de Assis verdadeiramente legível apenas após 1964.



Sustenta ainda crítica ao método historicista, que acumula dados e prescinde da teoria. Em contrapartida, Benjamin propõe sua superação por postura construtivista, já que a história exigiria uma construção teórica. Em 1938 redige a versão definitiva do ensaio “Sobre alguns temas em Baudelaire” (1989), em que esta noção também aparece. É, porém, em seu último escrito, conhecido como “Sobre o conceito de História”, que o conjunto dessas ideias é retomado e submetido à densa reflexão, na qual a mencionada noção adquire vigor – inclusive incidindo sobre os vários temas ou ideias examinados no texto.

### **Sobre o conceito de História**

*Sobre o conceito de História*<sup>5</sup> foi redigido pouco antes da morte de Benjamin, ocorrida em setembro de 1940. Aparentemente, não foi elaborado a fim de ser publicado, sendo antes espécie de bloco de notas metodológicas e de diretrizes para seu pensamento, conforme anota na já mencionada carta a Gretel Adorno (apud João Barrento, 2008, p.148), afirmando, entretanto, que elas deveriam ser úteis para “preparar a sequência do Baudelaire” – ou seja, para o projeto das Passagens, ao qual dedicou grande parte de sua energia após 1928. Devido à morte prematura do filósofo, *Sobre o conceito de História* foi publicado em 1942 como homenagem ao autor na *Zeitschrift für Sozialforschung*, a revista do Instituto de Pesquisas Sociais da Universidade de Frankfurt, nos EUA, em edição mimeografada, com o título concebido por T. Adorno de “Teses sobre a Filosofia da História” - que Benjamin nunca utilizou. É composto por 18 teses e 2 apêndices, estrutura que remete imediatamente a outro texto, as conhecidas *Teses sobre Feuerbach*, de K.Marx, com o qual parece ensinar diálogo e concretizar a ambição benjaminiana de

265

5 Sobre a concepção de história em Walter Benjamin cf. MÜLLER e SELIGMANN-SILVA, (2020) ; BOLLE, W. . (2000); GAGNEBIN, J.M (1994) e LÖWY, M. (2015); BOLZ, N. (2002)



permitir ao presente acolher as vozes do passado a fim de atualizá-las. São em geral de difícil entendimento, implicando certa trama de conceitos fundamentais anteriormente elaborados por Benjamin, como os de “alegoria”, “fantasmagoria” e “imagem dialética”.

Os principais temas desenvolvidos nas Teses são a crítica à concepção de história originária do iluminismo, bem como à elaborada pela socialdemocracia ou à adotada por muitos marxistas; estas várias correntes historiográficas são atacadas indiscriminadamente por Benjamin com o rótulo genérico de “historicismo”. Para ele, o que as une é o fato de todas conceberem o tempo histórico como “vazio, homogêneo e contínuo”. Desenvolvem ainda crítica radical ao processo social de dominação e à ideia de história universal; seu aspecto mais contundente é configurado pela pretensão de promover a “revolução copernicana” na historiografia, a qual desemboca em afirmação da “história dos vencidos”. Benjamin elabora ainda rigoroso ataque à noção de “progresso”, que se desenvolve a partir de aspectos distintos, embora intimamente relacionados. As teses também manifestam grande preocupação em fundamentar filosoficamente o combate ao fascismo, que tanto mobilizou as energias do autor desde o início dos anos 30, conforme já assinalado.

O objetivo central é formulado com clareza na Tese 8: “A tradição dos oprimidos nos ensina que o “estado de exceção” em que vivemos é na verdade a regra geral. Precisamos construir um conceito de história que corresponda a esta verdade” (Benjamin, 1985a, p. 226). A tese postula a necessidade de se construir novo conceito de história a partir da experiência originária da tradição dos oprimidos, dada a incapacidade de o conceito predominante de História lograr esclarecer o que semelhante tradição aponta: que os oprimidos vivem em perma-



nente “estado de exceção”.<sup>6</sup> Seja como for, a tese explicita a relação entre a concepção de História e a situação social de quem a elabora, a narra ou dela se serve.

## **A revolução copernicana na historiografia**

A referida tese 8 afirma ainda que a necessidade de se elaborar novo conceito de história estaria vinculada à luta contra o fascismo e objetivaria fornecer as diretrizes teóricas mais consequentes para semelhante combate<sup>7</sup> a fim de evitar que este – o fascismo - pudesse, de algum modo, dela se beneficiar:

Nossa tarefa é originar um verdadeiro “estado de exceção”;

6 Para fornecer dois exemplos elucidativos: a maioria dos estudiosos do período pós-ditatorial no Brasil iniciado em 1985 e marcado pela chamada “redemocratização” destaca o caráter positivo desta para o conjunto da sociedade brasileira; entretanto, uns poucos procuram mostrar que do ponto de vista dos oprimidos o “estado de exceção” não findou com a “redemocratização”, já que estes continuaram condenados a viver precariamente, sem direitos, sem proteção social e sem cidadania – enquanto a elite branca e dominante gozaria de ampla sorte de direitos e de proteção social: não é assim descabido Paulo Arantes afirmar em “1964” (2014) que o Brasil conheceu, com o “fim do choque ditatorial”, um “estado oligárquico de direito”. Francisco de Oliveira, em *O Ornitórrinco* afirma “O subdesenvolvimento viria a ser (..) a forma da exceção permanente do sistema capitalista na sua periferia. Como disse Walter Benjamin, os oprimidos sabem do que se trata. O subdesenvolvimento finalmente é a exceção para os oprimidos: o mutirão é a autoconstrução como exceção da cidade, o trabalho informal como exceção da mercadoria, o patrimonialismo como exceção da concorrência entre os capitais, a coerção estatal como exceção da acumulação privada” (2018, p. 131).

7.A tese 10 é nesse aspecto esclarecedora: nela Benjamin propõe “arrancar a política das malhas do mundo profano”, já que estaria “enredada por aqueles traidores” que combatiam o fascismo movido tanto pela “obtusa fé no progresso” quanto por desmedida “confiança nas massas” - consequentemente, pela certeza de que elas agiriam de acordo com as recomendações propostas pela direção partidária ou pelo comando das “Frentes Populares” - ou ainda pela “subordinação servil a um aparelho incontrollável”. Para tanto, Benjamin recorre a elementos da teologia a fim de poder melhor criticar a condução da luta contra o fascismo. (1985a, p.227).Convém ainda lembrar que em 1936, no célebre ensaio sobre a reprodutibilidade técnica da arte, Benjamin se propõe a criar conceitos estéticos “que não possam ser apropriados pelo fascismo”.



com isso, nossa posição ficará mais forte na luta contra o fascismo. Este se beneficia da circunstância de que seus adversários o enfrentam em nome do progresso, considerado como norma histórica.<sup>8</sup> (1985a : 226)

268

Nessa direção, Benjamin indaga se de fato podemos nos apropriar do passado e em que medida; ao mesmo tempo privilegia enfaticamente como matéria de reflexão a relação do presente com o passado – e não com o futuro. Na tese 6 afirma: *“Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo como de fato ele foi. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento do perigo”* (Benjamin, 1985a, p.224). A tese é iniciada com crítica ao historicismo, que pressupõe ser sempre possível conhecer o passado integralmente, “tal qual ele foi”; Benjamin, porém, mostra ser semelhante postura resultante de prévia identificação – ou empatia – com os vencedores. Em contrapartida, a expressão “apropriar-se de uma reminiscência” remete não a uma coletividade indistinta, genérica, mas a um sujeito determinado: os oprimidos de ontem e de hoje. Ou seja, na tradição materialista crítica, Benjamin concebe a história como fundamentalmente contraditória e, por esta razão, também aberta: ela seria o palco de luta constante entre as diferentes classes sociais das diversas sociedades. Assim, a cada momento, esta estaria permanentemente grávida de ao menos duas possibilidades distintas. Nela, enquanto local privilegiado da manifestação dos conflitos entre as classes, todo acontecimento resultaria do referido embate: da vitória de um oponente sobre o outro. Consequentemente, nenhum evento histórico poderia ser considerado como necessário ou inevitável visto poder o conflito do qual ele resulta ter comportado – como possibilidade – outra resolução: no terreno da história o império da

---

<sup>8</sup> Para esclarecer o sentido do conceito de estado de exceção nessa tese cf. o pós-escrito a “Alarme de incêndio no gueto francês” intitulado “Uma filosofia da história encontrada na rua” em *O novo tempo do mundo* (Arantes, 2014).



necessidade não predominaria. Em outras palavras: a cada momento a história poderia ter se realizado de outro modo, ter adquirido configuração bem diversa da que atualmente conhecemos, caso o vencedor tivesse sido outro. Entretanto, se é assim, indaga ainda Benjamin, por que a história se apresenta a nossos olhos como uma continuidade? Ou, dizendo com mais precisão, como resultado da vitória constante de apenas um dos contendores?

A resposta oferecida é inequívoca: a classe dominante ou vitoriosa do presente seria herdeira de todas as classes opressoras do passado; já que se beneficiaria do secular mecanismo de opressão e de dominação de classes constituído por suas antecessoras: “Todos os que até hoje venceram participam do cortejo triunfal, em que os dominadores de hoje espezinham os corpos dos que estão prostrados no chão” (1985a, p. 225). Todavia, semelhante concepção implica ainda a tese de que o projeto ou as aspirações de um dos contendores em litígio – os derrotados de sempre – foram constantemente abortados, “transformados em ruínas”, conforme a expressão usada pelo autor.<sup>9</sup>

269

Encarado a partir desse ângulo inusitado o passado não seria o mesmo para vencedores e derrotados: enquanto as classes dominantes narram a história a fim de glorificar e celebrar seus feitos e vitórias – que confere à narração histórica um tom épico, francamente apologético, na qual o passado desponta como coisa morta, superada e irreversível –, os vencidos ou seus herdeiros vislumbram nele os traços arruinados de outro projeto histórico, de outra vida. Eles veem no passado outra possibilidade – outra forma de vida – que se inscreveu no horizonte histórico como possível, mas que não se concretizou. Por

---

<sup>9</sup> O conceito de ruína é, porém, usado por Benjamin de modo ambíguo: tanto indica aquilo que foi sufocado ou destroçado pelos vencedores quanto a figura histórica capaz de ameaçar o próprio mundo construído por estes.



isso, consideram o presente de modo ambíguo: ou como o tempo da ação da atualização do passado ou o tempo de seu enclausuramento, do definhamento das esperanças cultivadas pelas gerações passadas. Ainda conforme tal ótica, o futuro não pode ser concebido como o desdobramento do presente, mas apenas como o futuro do passado. Como realça Benjamin, de semelhante visão decorre a necessidade de os oprimidos “arrancarem a tradição ao conformismo”, por um lado, e de estarem também sempre atentos para captar os apelos do passado, já que cada geração “é dotada de fraca força messiânica”, por outro. O filósofo assim configura uma das tarefas do historiador materialista: “O dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer” (1985a , p.224-5).

270

Na perspectiva dos derrotados o passado não silencia, não desaparece nas brumas do tempo, ainda que a história dos vencedores tenda a encobrir, com seu tom apologético, os momentos revolucionários ou as lutas levadas a cabo pelos oprimidos. Mobilizando as esperanças despertadas nas lutas passadas o historiador materialista apela às gerações posteriores a fim de que elas mesmas realizem, no presente que lhes cabe, o que as gerações anteriores não lograram realizar. Semelhante apelo, porém, nem sempre será atendido – fato que distancia a concepção benjaminiana de qualquer tipo de teleologia. Nesse caso, contudo, a desatenção ou a insensibilidade histórica terá consequências: a geração que não o atender não sairá impune, pois não apenas perderá a oportunidade revolucionária como contribuirá para a continuidade da história dos vencedores e, nessa medida, também não salvará os mortos. Na tese 2, Benjamin afirma:

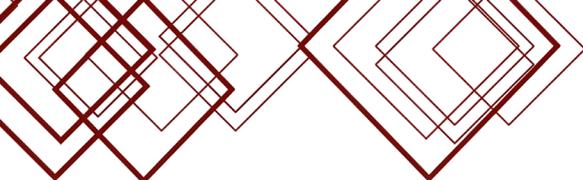


A imagem da felicidade está indissolavelmente ligada à da salvação. O mesmo ocorre com a imagem do passado, que a história transforma em coisa sua. O passado traz consigo um índice misterioso, que o impele à redenção... (...). Não existem, nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emudeceram? (...) Se é assim, existe um encontro secreto, marcado entre as gerações precedentes e a nossa. (...). Nesse caso, como a cada geração, foi-nos concedida uma frágil força messiânica para o qual o passado dirige seu apelo. Esse apelo não pode ser rejeitado impunemente. O materialista histórico sabe disso (1985a, p.223).

A salvação – ou redenção – do passado seria tarefa das gerações posteriores, portanto. O conceito, vale realçar, é desprovido de caráter teológico, devendo antes ser entendido como atualização do passado por meio da narração e da consequente recuperação – da rememoração, seria mais preciso dizer – das lutas e aspirações dos oprimidos, que retornariam assim à ordem do dia e brilhariam ainda uma vez no céu da história exigindo efetivação prática. A ênfase na rememoração do que ocorreu objetiva conferir a tal acontecimento súbita atualidade e configura aquilo que Benjamin denomina de “revolução copernicana da historiografia”. Não custa reafirmar: salvar o passado implica em transformar o presente; em interromper a continuidade da história dos vencedores. Provavelmente, é por isso que Benjamin recorre à imagem do perigo e da afirmação da necessidade da ação: “o perigo ameaça tanto a existência da tradição como a dos que a recebem. Para ambos, o perigo é o mesmo: entregar-se às classes dominantes, como seu instrumento” (Benjamin, 1985a, p.224).

271

Por essa razão o presente, do ponto de vista dos oprimidos, também não coincide com o presente concebido pela história dos vencedores: para essa, este não é mais do que o ponto de encontro dos acontecimentos passados, um ponto momentaneamente culminante



que, contudo, deve se desdobrar gerando o futuro e, desse modo, dar prosseguimento a uma história única, contínua.

## **Tempo e História: a crítica à noção de progresso e à de história universal**

A fim de se examinar mais detalhadamente os objetivos fundamentais da radical crítica benjaminiana à concepção de história (e de tempo) comum às várias vertentes historicista é oportuno recorrer a ensaio de Giorgio Agamben publicado em *Infância e História*, intitulado “Tempo e História, crítica do contínuo e do instante” (2007), em que o autor analisa as várias concepções de tempo formuladas nos diferentes períodos históricos a fim de mostrar como todas continuaram dependentes, de um modo ou de outro, da concepção formulada originalmente por Aristóteles, que embora o configurasse como circular e, por assim dizer, sem princípio nem fim – já que passaria sempre pelos mesmos pontos, em eterno movimento de retorno –, o concebia também como infinito, quantificável e constitutivo de um continuum pontual, por considerá-lo como questão inerente à Física. Nessa perspectiva, o ponto – ou o instante – é sempre a passagem de um ponto a outro, é aquilo que garante o fluxo do tempo e sua continuidade. Ainda seguindo o raciocínio de Agamben, embora na Idade Média Santo Agostinho introduzisse mudança de longo alcance no modo de conceber o tempo – que passaria a ser visto então como retilíneo, como continuidade entre a origem e o fim (o Apocalipse), permitindo ser representado imagética ou espacialmente como uma flecha já que constituiria um tempo orientado, teleológico –, não teria logrado alterar ou romper a concepção aristotélica, de maneira que o tempo continuaria a ser concebido como um continuum e como pontual.



Tampouco a concepção filosófica moderna sobre o tempo teria alterado fundamentalmente semelhante modo de concebê-lo. De fato, a concepção moderna “não passaria de uma espécie de laicização da ideia cristã do tempo retilíneo e irreversível” (Agamben, 2007, p.139), que seria esvaziado de todo sentido e se esgotaria no fato de constituir “um processo estruturado em torno da ideia de um antes e um depois” (2007, p.139-140). Agamben, porém, acrescenta à explicação visão sociológica ao afirmar ser a representação do tempo como “homogêneo, vazio e contínuo” – ou seja, como matematicamente calculável – originária da experiência radicalmente moderna da organização do trabalho industrial, além de “sancionada pela mecânica moderna”. Concepção que, muito provavelmente, ecoaria – salvo engano – a crítica lukacsiana à reificação do tempo na era da organização industrial do trabalho apresentada em *História e consciência de classe*.

273

O momento espetacular em semelhante operação de esvaziamento do sentido do tempo, que por força das exigências próprias à época moderna não poderia de maneira alguma conservar a ideia de salvação contida na concepção agostiniana, seria dado pela introdução arbitrária da ideia de “progresso contínuo”, de maneira a conferir ou atribuir sentido a tal concepção. A introdução da mencionada ideia revelaria ainda aspecto pouco destacado nas discussões ou análises filosóficas sobre ele: as ideias de desenvolvimento ou de progresso contínuo e infinito, que deram à história moderna aparência de sentido, teriam origem nas ciências da natureza, que, deste modo, informariam em última instância a concepção moderna de história. Concomitantemente, o pensamento político moderno teria privilegiado sensivelmente a noção de história em detrimento da de tempo; a consequência maior desta preferência teria sido, apesar da laicização da visão cristã sobre este último, a manutenção sem questionamentos da concepção aristotélica a ele referente.



Em vista disso, Agamben conclui ter essa visão “determinado durante dois mil anos a representação ocidental do tempo” (2007, p.134). Consequentemente, nem mesmo o materialismo histórico, com sua original concepção de história teria logrado “*até agora elaborar uma concepção do tempo que estivesse á altura de sua concepção de história*”, o que teria acarretado também para ele a necessidade de “recorrer à concepção de tempo dominante há séculos na cultura ocidental fazendo que convivessem em seu seio, lado a lado, uma concepção revolucionária da história e uma experiência tradicional do tempo” (Agamben, 2007, p. 131).

274

Ao que tudo indica, prossegue Agamben, Benjamin teria percebido a incongruência e se esforçado a fim de oferecer solução para o dilema. Assim, teria cuidado de elaborar concepção revolucionária acerca do tempo, capaz de fazer jus à natureza revolucionária da visão de história formulada pelo marxismo. Por esse motivo, sua crítica à noção de progresso<sup>10</sup> teria como alvo maior a crítica à concepção tradicional do tempo, já que o historicismo nesta se apoiaria a fim de concebê-lo como “homogêneo, vazio, contínuo” – caminhando inexoravelmente em direção a um progresso infinito, que culminaria com a realização da história universal. A tese 13 de *Sobre o conceito de história* (1985a, p. 229) é nesse aspecto elucidativa: após postular serem “a teoria e, mais ainda, a prática da socialdemocracia (...) determinadas por um conceito dogmático de progresso sem qualquer vínculo com a realidade” – afirmação capaz de evidenciar a introdução arbitrária dessa noção na concepção de história a partir do início do século XIX – Benjamin aponta ser tal ideia concebida como “um progresso da humanidade em si, e não das

10 Após 1937, Benjamin investiga criticamente a história do conceito de progresso afirmando ser importante nesse contexto o problema do conceito de História e o papel que nele desempenha tal conceito. “A recusa de um continuum da História, postulada no ensaio sobre Fuchs, tem de ter consequências epistemológicas” sendo a principal delas o estabelecimento dos limites do uso do conceito de progresso. (2010, p.149).



suas capacidades e conhecimentos”, acrescentando ainda que isto deveria ser entendido como “um processo sem limites, ideia correspondente à da perfectibilidade infinita do gênero humano”, o qual “seria um processo essencialmente automático, percorrendo, irresistível, uma trajetória em flecha ou em espiral”. A conclusão do raciocínio desenvolvido na tese é bastante clara e indica o quanto Benjamin caminhou em direção à superação da concepção tradicional de tempo:

Mas, para ser rigorosa, a crítica precisa ir além deles e concentrar-se no que lhes é comum. A ideia de um progresso da humanidade na história é inseparável da ideia de sua marcha no interior de um tempo vazio e homogêneo. A crítica da ideia do progresso tem como pressuposto a crítica da ideia dessa marcha. (Benjamin, 1985a, p. 229)

Benjamin teria assim superado a concepção tradicional de tempo – originária da formulação aristotélica – por meio da crítica do instante e do continuum temporal; crítica esta concebida como “condição lógica” necessária para a formulação de nova experiência do tempo. Simultaneamente, teria também fornecido as diretrizes da nova visão revolucionária sobre ele; visão que encontraria apoio tanto no “agora” – entendido como “detenção messiânica do presente” – quanto na “consciência da classe revolucionária, que faz saltar o continuum da história”, conforme afirma a tese 15 (1985a, p. 230).

275

### **“Todo documento de cultura é um documento de barbárie”.**

Original é o significado do presente para o historiador materialista, vale dizer, para o que assumiu o ponto de vista dos derrotados ou oprimidos. Para este, o presente não é ponto de transição para o futuro, mas o momento da interrupção da continuidade histórica e a



ocasião para a recuperação ou redenção do passado. O presente, nessa perspectiva, “é um agora no qual se infiltram estilhaços do messiânico” (Benjamin, 1985a , p.232). Essa é a matéria da tese 16, na qual afirma Benjamin:

O materialista histórico não pode renunciar ao conceito de presente que não é transição, mas que para no tempo e se imobiliza. Porque esse conceito define exatamente aquele presente em que ele mesmo escreve a história. O historicista apresenta uma imagem eterna do passado, o materialista histórico faz desse passado uma experiência única. (.). Ele fica senhor de suas forças, suficientemente viril para fazer saltar pelos ares o continuum da história (1985a ,p. 231).

276

A temporalidade dos vencedores não é a mesma dos vencidos, portanto. Além disso, a consequência fundamental do caráter épico da história dos vencedores é a tendência para encobrir os conflitos históricos entre as classes e, por meio dessa estratégia, apresentar como obra sua tanto a construção da sociedade quanto a produção dos mais diversos bens culturais. A tese 7 é nesse aspecto reveladora:

Todos os que venceram até hoje participam do cortejo triunfal, em que os dominadores de hoje espezinham os corpos dos que estão prostrados no chão. Os despojos são carregados no cortejo (.). O materialista histórico os contempla com distanciamento. Pois todos os bens culturais que ele vê tem uma origem sobre a qual ele não pode refletir sem horror. Devem sua existência não apenas ao esforço dos grandes gênios que os criaram, como à corveia anônima dos seus contemporâneos. Nunca houve um monumento de cultura que não fosse também um monumento de barbárie. E assim como a cultura não é isenta de barbárie, não o é, tampouco, o processo de transmissão da cultura.” (1985a, p. 225)

A análise de Benjamin atinge aqui aspecto avançado por desvelar a dimensão mistificadora contida no conceito predominante de Histó-



ria – no modo de os vencedores narrá-la: a imbricação da cultura e da barbárie. De fato, ao narrar uma história monumental, uma história da ação dos supostos grandes homens e de seus feitos também supostamente gloriosos, o historicismo pretende afirmar a concretização do progresso e, desse modo, atestar a construção de sociedade apta a eliminar progressivamente a barbárie. Entretanto, encarada do ponto de observação dos oprimidos, essa pretensão desponta como sintoma da barbárie: como modo de perpetuá-la, não de eliminá-la. A concepção da história como progresso almeja sempre apagar ou recalcar a dimensão brutal da história enquanto palco da luta de classes; consequentemente, também almeja mascarar o caráter brutal e bárbaro da vida social na época do capitalismo. Dizendo de outro modo: ao se contrapor enfaticamente à noção de progresso, a concepção benjaminiana da história desvela dimensão inusitada desta – ou antes, da pré-história da humanidade: a da permanência inexorável da barbárie. Com efeito, esta não é eliminada e ameaça a qualquer momento retornar ou eclodir, sendo constitutiva do processo social enquanto contraditório.

277

Semelhante concepção – por sua radicalidade – tem enormes consequências, inclusive no próprio modo de se entender o capitalismo. Com efeito, encarado dessa perspectiva o fascismo não poderia ser considerado como desvio do progresso – espécie de doença social que, superada, promoveria o retorno à normalidade ou à vida saudável regida pela marcha rumo ao progresso, como pensava a maior parte de seus opositores –, mas, ao contrário, deveria ser concebido como ameaça constante, pois faria parte da própria dinâmica do capitalismo; a barbárie fascista estaria assim sempre pronta a eclodir nos momentos de crise.<sup>11</sup>

---

11 Para tirar consequências dessa concepção: a expressão “ditadura nunca mais” usada no Brasil pelos opositores da ditadura civil-militar instalada no país em 1964 é um imperativo social ético, que todos deveriam seguir; no entanto, ela induz à crença de



Outra consequência decisiva dessa concepção desmistificadora de Benjamin é a que aponta ser o próprio modo de “transmissão da cultura” aprisionado pela barbárie – o que implica em reconhecer na cultura uma dimensão da luta de classes. De fato, os vários meios de transmiti-la – como a própria historiografia, os museus ou ainda os vários ramos daquilo que Adorno e Horkheimer chamariam de indústria cultural<sup>12</sup>, entre outros – cuidam de promover o tom épico típico da história dos vencedores e a mascarar a normalidade da barbárie, tendendo sempre a apresentá-la como exceção: nessa medida, participam eles mesmos da barbárie. Semelhante dimensão da transmissão da cultura obriga a todos os que não desejem compactuar com ela ou com a reprodução do mecanismo social de dominação – que a engendra – a adotar atitude de radical desconfiança em relação às formas predominantes de transmissão cultural. Como resistência ao referido processo de transmissão da história dos vencedores Benjamin recomenda a adoção de atitude radicalmente crítica em relação a ele: “escovar a história a contrapelo”. A recomendação tem valor metodológico. Ela pode ser entendida não como incentivo à produção de outra narrativa histórica afeita a adoção de tom épico e positivo a fim de se contrapor à monumentalidade da história dos vencedores, mas antes como exercício de

---

que a barbárie típica das épocas ditatoriais – dos “estados de exceção” impostos pelos vencedores – não se repetiria, assim como a própria ruptura da democracia. Ora, a concepção benjaminiana sustenta exatamente o oposto: a barbárie não é eliminada da história, podendo retornar a qualquer tempo; dentre outras atrocidades, brutais golpes de estado capazes de adotar terríveis políticas exterministas não são eliminados do horizonte histórico no capitalismo, por exemplo.

12 Adorno e Horkheimer extraíram consequências dessa tese benjaminiana na análise da Indústria Cultural ao examinarem como os meios de comunicação de massa se prestam em sua própria concepção e organização à dominação social – á barbárie, portanto. Fredric Jameson retoma a tese benjaminiana ao destacar que os meios de comunicação de massa promovem sistematicamente “o apagamento do sentido da história”, provocando uma espécie de “amnésia social” e um tipo de “presentificação” que torna o indivíduo virtualmente incapaz de conceber um futuro diferente do atual presente – o que é outra dimensão da barbárie.



crítica permanente, de desconfiança em relação ao discurso pleno e sem fissuras da historiografia historicista, que tudo quer abarcar e em tudo realça o suposto progresso da humanidade, conforme já sugeriu Jeanne Marie Gagnebin (1994).

Todavia, esse procedimento, que suspende a voz dos vencedores retirando dela o fôlego e o ímpeto a fim de tornar perceptível sua natureza mistificadora, requer ainda procedimento mais radical, uma interrupção efetiva e potente: requer a supressão dessa história, requer a explosão – por ato da classe “combatente e oprimida”, que é “também o sujeito do conhecimento histórico”, como Benjamin afirma na tese 12 (1985a, p.228-9) – do continuum da história dos vencedores. De fato, a referida classe “aparece como a última classe escravizada, como a classe vingadora que consuma a tarefa da libertação em nome das gerações de derrotados” (1985a, p.228). Como sugere ainda o autor: “não se trata aqui de acelerar a locomotiva da história, mas sim de puxar o freio de emergência dessa locomotiva, fazendo-a saltar fora dos trilhos”. O ato decisivo seria o capaz de interromper semelhante história a fim de destruir o mecanismo que garante a opressão e o poder de uma classe sobre as demais.

279

### **Para interromper o curso do mundo.**

A famosa tese IX condensa largamente o espírito do texto, sendo inclusive exemplar da concepção alegórica do texto benjaminiano. Ela promove interpretação livre da gravura de Paul Klee intitulada *Ángelus Novus*, na qual este é concebido como “o anjo da História”: como representante da classe “combatente e oprimida”. De qualquer modo, trata-se do Anjo, não do Messias, já que ele é, como se verá, impotente. Ele está com as asas abertas, pronto para o voo, e olha fixamente



280

para frente. Tem os olhos escancarados, a boca dilatada. A narração é elaborada a partir de sua perspectiva, embora o texto faça referência a outra: “[...] onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única”(1985a ,p.226). O “nós”, ao que tudo indica, se refere ao socialdemocrata ou ao adepto do historicismo – em qualquer uma das suas variantes – já que a paisagem da história é vista como “uma cadeia de acontecimentos”: tal ótica a torna palco de fatos interligados, oferecendo a ilusão de que tudo o que ocorre nela pareça “natural”. Bem diversa, porém, é a visão do Anjo. Ele olha para frente – isto é, para o passado – e vê uma “catástrofe única”: quer parar “para acordar os mortos e juntar os fragmentos”. Quer interromper o continuum da “cadeia de acontecimentos”: sua meta é a de eliminar a catástrofe e recompor a vida, “despertar os mortos” para, por meio da reconstrução do que foi, realizar o estado de felicidade. No entanto, é incapaz de concretizar tal façanha: contra sua vontade, é tanto impedido de cerrar as asas quanto impelido para trás – para o futuro – por uma “tempestade a que chamamos de progresso”. A ação que redimiria a si próprio e a todo cenário de ruínas a que é forçado a contemplar – não sem horror – é a de deter o tempo: interromper a continuidade da história dos vencedores. Enfim, recuperar o passado significaria impedir que o futuro do presente se concretize.

O Anjo da história experimenta dessa maneira situação paradoxal, pois é impotente para realizar semelhante proeza. Nesse sentido, ele estaria mais próximo da figura que denuncia o sofrimento do que daquela que verdadeiramente o suprime. Nesse preciso sentido ele seria a testemunha de acusação da barbárie implicada na história dos vencedores e, enquanto tal, aquele que impede o esquecimento das atrocidades cometidas. Ele sustentaria a esperança: a possibilidade da ação efetiva capaz de redimir todo o passado, a qual pode ocorrer a qualquer



momento, visto “que cada segundo [seria] a porta estreita pela qual podia penetrar o Messias”, conforme diz Benjamin (1985a, p. 232).

Esta concepção de História não é apenas crítica radical do progresso ou da noção tradicional de tempo, encarados como vinculados à catástrofe, à morte e à ruína. É também a liquidação, enquanto crítica que destrói e supera, das concepções de História que se rendem a tal categoria e por isso acabam até mesmo por aceitar o sofrimento e a barbárie como fatos constitutivos da História. Nesse sentido, muito possivelmente ela constitui a crítica mais radical já formulada não apenas contra o historicismo, mas também contra a concepção hegeliana da História e das filosofias da História dela tributárias: dentre estas, inclui-se certa vertente do próprio marxismo.

### **Nota adicional.**

281

Em *Sobre o conceito de história*, notadamente na tese 11, Benjamin retoma a crítica à noção de progresso técnico e ao trabalho industrial por meio do exame das ideias econômicas da socialdemocracia, que seriam condicionadas pelo conformismo e, enquanto tal, prejudiciais ao movimento operário:

Nada foi mais corruptor para a classe operária alemã que a opinião de que ela nadava com a corrente. O desenvolvimento técnico era visto como o declive da corrente, na qual ela supunha estar nadando. Daí só havia um passo para crer que o trabalho industrial, que aparecia sob os traços do progresso técnico, representava uma grande conquista política. (Benjamin, 1985a, p. 228)

Benjamin mostra a falsidade da suposição acentuando tanto seu



caráter ideologicamente antiquado quanto recorrendo à crítica anteriormente formulada por Marx a semelhante identificação, segundo a qual “o homem que não possui outra propriedade que a sua força de trabalho está condenado a ser o escravo de outros homens, que se tornaram (...) proprietários” (1985a, p.228); mediante este procedimento torna evidente o que a referida concepção mascara: o caráter contraditório dos interesses burgueses e proletários. Consequentemente, a inovação tecnológica no universo produtivo não teria o mesmo significado para ambas as classes: a visão socialdemocrata deixaria de “refletir de maneira adequada sobre a questão central e decisiva de como os bens produzidos por meio desse aparato poderia ser apropriado pelo trabalhador” (p.228). Todavia, encarado da perspectiva da classe trabalhadora, o progresso técnico se revelaria apto para submetê-la ainda mais rigorosamente a esse mesmo aparato, já que “seu interesse se dirige apenas aos progressos na dominação da natureza, e não aos retrocessos na organização da sociedade. Já estão visíveis, nessa concepção, os traços tecnocráticos que mais tarde vão aflorar no fascismo” (1985, p228). Benjamin explicita assim o vínculo entre progresso técnico e dominação da natureza “comparada, com ingênua complacência, à exploração do proletariado”. Em contrapartida, recupera criticamente as “fantasias de um Fourier”, já que nesse novo contexto elas apareceriam como “surpreendentemente razoáveis” enquanto ilustrativas de “um tipo de trabalho que, longe de explorar a natureza, libera as criações que dormem, como virtualidades, em seu ventre” (p 228). Ou seja, a interrupção da atual organização do trabalho industrial e do tipo de progresso técnico por ele implicado liberaria tanto a natureza quanto o trabalho e, conseqüentemente, o trabalhador.

Benjamin já havia manifestado visão semelhante em “*A caminho do planetário*” (2013, p. 68/69) – conforme já assinalado –, aforismo em



que assinala a diferença fundamental entre o homem antigo e o moderno, já que este teria se tornado incapaz de estabelecer experiência cósmica semelhante à daquele: o declínio desta estaria associado às origens da astronomia, cujas descobertas resultaram tanto no desaparecimento da “embriaguez” – ou êxtase – quanto em relação exclusivamente ótica do ser humano com o universo; relação capaz de condenar aquela a ser mera matéria da vivência individual ou a encontrar refúgio ocasional na poesia – ao preço, porém, de profunda “desorientação do homem moderno” e da promoção de “um grande assédio ao cosmos em escala planetária” por meio da guerra: nessa direção, o uso da técnica para este fim teria “traído a humanidade”. Em oposição a este tipo de uso da técnica, determinado pela “avidez de lucro da classe dominante”, Benjamin concebe ser a técnica destinada não ao domínio da natureza, mas ao “domínio da relação entre a humanidade e a natureza”, o que é completamente diferente. Como se pode notar, a ideia de interrupção do curso do mundo tem consequências radicais.

283

### Referências

- AGAMBEN, Giorgio. “Tempo e História, crítica do contínuo e do instante”. in *Infância e História*. Córdoba, Adriana Hidalgo Editora. 2007.
- ARANTES, Paulo Eduardo. “1964”. in *O novo tempo do mundo*. São Paulo, Boitempo, 2014.
- BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única*. Belo Horizonte, Ed Autêntica, 2013. Tradução João Barrento.
- \_\_\_\_\_. “A caminho do planetário”. in *Rua de mão única* (2004), Obras Escolhidas II, São Paulo, Editora Brasiliense.
- \_\_\_\_\_. “Teorias do fascismo alemão. Sobre a coletânea Guerra e guerreiros, editada por Ernst Jünger”. *Obras Escolhidas*,



Vol. 1, São Paulo, Brasiliense, 1985c, págs. 61 a 72.

\_\_\_\_\_. “Sobre alguns temas em Baudelaire”. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. Obras escolhidas, vol. III, São Paulo, Ed Brasiliense, 1989.

\_\_\_\_\_. “Eduard Fuchs, historiador e colecionador”. in *O Anjo da História*, Lisboa, Ed Assírio & Alvim, 2008b, tradução João Barrento.

\_\_\_\_\_. “Sobre o conceito de História. O texto, o título, a gênese”. Comentários anexados no final do referido texto de Benjamin. Fonte: arquivo Benjamin. in *O anjo da História*. Lisboa, Ed Assírio & Alvin, 2008a. Tradução e notas de João Barrento.

\_\_\_\_\_. “Sobre o conceito de história”. in BENJAMIN, W. *Magia e Técnica, Arte e Política. Obras Escolhidas, vol.1*. São Paulo, Ed Brasiliense, 1985a.

284 \_\_\_\_\_ “O surrealismo – o último instantâneo da inteligência europeia. in *Magia e Técnica, Arte e Política. Obras escolhidas, vol 1*, São Paulo, Ed Brasiliense, 1985b.

BOLLE, Willi. *Fisiognomia da metrópole moderna*. São Paulo, Ed da USP/FAPESP, 2000 (2ª ed)

BOLZ, Norbert. “É preciso teologia para pensar o fim da História?” in *Rev. Estudos Avançados* 16, USP, São Paulo, 2002.

BUCK-MORSS, Susan. “Walter Benjamin: entre moda acadêmica e avant-garde.” Palestra proferida pela autora na Universidade de São Paulo (USP) em 1998. Tradução de João Roberto Martins Filho.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo, Editora Perspectiva-Fapesp-Unicamp. 1994.

LÖWY, M. “Walter Benjamin y el surrealismo: historia de um encantamento revolucionário”. *Acta Poetica* 28, primavera-otoño 2007.

\_\_\_\_\_. *A filosofia da História de Walter Benjamin*, São Paulo, Estudos



Avançados 16, USP, 2002.

\_\_\_\_\_. Walter Benjamin: aviso de incêndio. Uma leitura das teses “Sobre o conceito de História”.(Coleção Marxismo e literatura) . São Paulo, Ed Boitempo. 2015.

MARCUSE, Herbert. *Eros e civilização. Uma interpretação filosófica do pensamento de Freud.* São Paulo, Zahar editora, 1968.

MÜLLER, Adalberto e SELIGMANN-SILVA, Márcio. Sobre o conceito de história. Edição crítica São Paulo, Alameda Casa Editorial, 2020.

OLIVEIRA, Francisco de. *Crítica da razão dualista. O Ornitorrinco*, São Paulo, Ed Boitempo, 2018, 4ª reimpressão.

OSBORNE, Peter. Vitória de pequena escala, derrotas de grande escala: a política do tempo em Walter Benjamin. in Benjamin, Andrew e Osborne, Peter. *A filosofia de Walter Benjamin.* Rio de Janeiro, Jorge Zahar ed, 1997

TACKELS, Bruno. *Walter Benjamin.* Valencia, Publicaciones Editora Universitat de Valencia, 2012. 285

WITTE, Bernd, *Walter Benjamin: Uma biografia.* Barcelona, Ed Gedisa, 1990.